

22-07-2024

“VAMPIRISMO BUROCRÁTICO”

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Um presente! Como motivação ganhamos uma palestra de presente. Genial! Logo, pensei: todos os funcionários e professores, de todas as escolas municipais de *Sonholândia*, deveriam estar presentes. E estavam. Fui à escola e assisti à palestra que me fez refletir sobre o **VAMPIRISMO BUROCRÁTICO**, um inimigo sorrateiro que vem ameaçando o vigor e a paixão dos professores e das professoras dos vários níveis, séries e lugares. A palestra foi romântica. Muito romântica. A palestrante veio da capital de Goiás, Goiânia. Veio supermotivada. Com gestos aparentemente resolutos e com um discurso de coaching na algibeira, exalou simpatia, carisma, alegria. Afirmou, logo de início, que era pedagoga e psicopedagoga, mas amava o trabalho de palestrante. Pegou o microfone, comentou sobre a turnê pelas cidades do interior do estado e começou o discurso com decidido princípio: “*sempre devemos, nós professores e professoras, trabalhar por amor, não por dinheiro*”. Devemos - continuou o seu discurso introdutório – “*trabalhar muito, com muito afinho*”. Ao ouvir a enfática narrativa, imaginei que ela estaria ali com recursos próprios. Aquela senhora quase me convenceu que não preciso de salário, nem ao menos dos direitos conquistados pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras da educação, nem de sindicato. Nada. Sob o olhar de representantes da política local, presentes na ocasião, ela desfiou histórias de professores que marcaram vidas; que semearam sonhos em terrenos áridos. Falou também do amor que deve mover o professor em cada gesto, em cada palavra, em cada olhar. Um amor que vai além do salário, da carga horária, das dificuldades cotidianas. Um amor que vê o aluno não como um número, mas como um ser humano em formação, cheio de potencial e de sonhos. Concordei e considerei bela aquela fala, mas senti falta de algo mais. Falou de um tempo em que o ato de ensinar era visto como sacerdócio, uma entrega total e incondicional. Entretanto, nas entrelinhas, parecia que aquele rompante de insuspeita abnegação, na verdade, queria avisar o que nos esperava no começo do ano letivo. Uma espécie de frase milagrosa: “*trabalhe, trabalhe muito e trabalhe com amor, apenas isso*”.

Com voz serena e olhar atento ao público, a palestrante continuava a discorrer sobre o amor no trabalho. Sim, só amor. Nada mais que isso, nem saúde, nem salário e nem dignidade. Por instantes fiquei em dúvida se realmente era uma professora ou apenas uma *coaching*, pois, não falava da sobrecarga dos professores, da ausência de plano de carreira em vários municípios, do adoecimento docente e da decepção de vários professores e professoras com a profissão. A burocracia no ambiente de trabalho deveria estar em pauta na fala da palestrante; deveria ter presença em seu discurso o aumento de consumo de medicamentos que professores e professoras usam para dormir, para controlarem a pressão arterial e para aliviar a ansiedade, o pânico, de maneira a devolver o corpo pronto para a sala de aula. Deveria argumentar em torno especificamente do **VAMPIRISMO BUROCRÁTICO** que consome a energia do corpo docente para preencher plataformas e, assim, cumprir metas alheias ao estudo, ao debate de ideias, à interrogação das condições sociais dos alunos e alunas; das contradições do país. Com indignação silenciosa, senti que as palavras de abrandamento da palestrante, ao invés de motivantes, eram um tapa na cara.

Ela mesma se tornava uma agente do **VAMPIRISMO BUROCRÁTICO**. A exigência constante de preenchimento de formulários para captação de recursos, relatórios de progresso que pouco acrescentam à compreensão do trabalho realizado e reuniões que, muitas vezes, parecem ser realizadas apenas para justificar a sua própria existência, devoram o sangue, colocam ideias e saberes no escanteio. O pior é que a sobrecarga de tarefas administrativas desvia o foco dos objetivos escolares e acadêmicos e desgasta mental e emocionalmente os professores e professoras. Desejei, naquele momento, ouvir que a burocracia cria um ambiente de desconfiança e controle excessivo. Desejei que ela aludisse ao terror *kafkiano* nas escolas que, ao invés de fomentar a criatividade e a inovação, impõe uma estrutura rígida que sufoca a liberdade e a expressão intelectuais. O professor e a professora, que deveriam ser agentes de transformação, tornam-se meros executores de procedimentos padronizados que avaliam tudo, inclusive a produção de seu próprio trabalho. Eis a tática de castração. Quase no final do discurso, a palestrante nos convidou a refletir sobre a nossa própria prática. Será que amamos o suficiente? Será que nos doamos por inteiro? Será que vemos no ato de ensinar uma missão, um chamado? Ou estamos apenas cumprindo uma função, esperando o final do mês? Saí preocupada da palestra e com a mente fervilhando. Pensei no poder do amor. Aliás, pensei a que tipo de amor ela se referia. Fiz calada uma interrogação: será que o proposto pagará os boletos, os remédios, o supermercado, a gasolina, o aluguel, a escola dos filhos, entre tantas coisas? Não deveria ser um conjunto de coisas, direitos, deveres e amores? Será que nós, professores e professoras, precisamos apenas do amor que transforma o ato de ensinar em algo sublime, quase sagrado, somente isso? E o Estado? Qual a responsabilidade do Estado com a saúde física, mental e emocional dos professores? A palestrante concluiu dizendo que o professor que trabalha por amor nunca estará sozinho. Ele tem a seu lado a força de seu ideal, a certeza de estar fazendo a diferença. E isso, disse ela, é o que dá sentido à vida. Concorro, e também defendo que o professor e a professora podem transformar vidas, ajudar crianças e jovens a construir futuros. Mas isso não vai ocorrer com a subordinação do trabalho docente à burocracia. Ouvi a palestra de maneira diferente: saí com a ideia de que é urgente repensar o papel da burocracia na escola. Deve-se buscar um equilíbrio em que as necessidades administrativas não suprimam a essência do trabalho pedagógico. A simplificação de processos, a delegação de tarefas burocráticas a equipes especializadas e a confiança na competência dos professores são passos fundamentais para combater o **VAMPIRISMO BUROCRÁTICO**. É necessário um ambiente favorável a esses quesitos. Libertar-se das garras da burocracia excessiva é essencial para que os professores possam retomar seu papel central no ambiente escolar e acadêmico. Assim como na geografia buscamos entender as relações entre espaço e sociedade, precisamos compreender e reestruturar as relações entre a burocracia e a escola/academia. Não foi tão difícil entender o objetivo da palestrante. Ela queria culpar os professores e professoras pelos problemas que ocorrem na escola, desviar a atenção do que de fato causa os problemas. Com candidez e ternura, dissimulou o objetivo de deixar o **VAMPIRISMO BUROCRÁTICO** permanecer adoecendo o mundo da escola. Ah, antes que me entenda mal: também sou favorável ao amor. Favorável apenas não. Tento exercitá-lo na sua integridade. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.